

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARIELE CRISTINE DOS SANTOS

SOCIALISMO UTÓPICO X CIENTÍFICO : O CASO DA COLÔNIA CECÍLIA.

CURITIBA
2018

MARIELE CRISTINE DOS SANTOS

SOCIALISMO UTÓPICO X CIENTÍFICO : O CASO DA COLÔNIA CECÍLIA.

Monografia apresentada ao curso de Ciências Econômicas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientador: Prof^ª. Dayani Cris de Aquino

CURITIBA
2018

TERMO DE APROVAÇÃO

MARIELE CRISTINE DOS SANTOS

SOCIALISMO UTÓPICO X CIENTÍFICO : O CASO DA COLÔNIA CECÍLIA.

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Ciências Econômicas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

Orientador: Prof^a. Dayani Cris de Aquino
Setor de Ciências Sociais Aplicadas
Universidade Federal do Paraná

Prof^a. Françoise Iatski Lima
Setor de Ciências Sociais Aplicadas
Universidade Federal do Paraná

Prof. Fernando Motta Correia
Setor de Ciências Sociais Aplicadas
Universidade Federal do Paraná

Curitiba, 07 de dezembro de 2018

À existência.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a esta universidade, seu corpo docente, direção e administração, que possibilitaram a janela pela qual hoje vislumbro um horizonte superior. A minha orientadora Dayani Aquino, pelo suporte, paciência, compreensão e dedicação.

Agradeço a minha mãe Francisca que me deu apoio e incentivo nas horas difíceis, de desânimo e cansaço. Ao meu pai, Maurílio, que me fortaleceu. E a minha irmã Gisele, que mesmo distante se mostrou presente em todos os momentos.

Aos meus grandes amigos, Alessandra Varella, Ágatha Prado, Daniel Wielewski, Vinícius Gallon, Julia Nacif, Aryel Vieira e Michelly Vanessa. Companheiros e irmãos que fizeram parte da minha formação acadêmica e como ser existente.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte dessa jornada, minha gratidão

RESUMO

O objetivo geral desse trabalho de conclusão, é analisar a experiência da colônia cecília a luz das teorias do socialismo científico. Esse processo se dará através da revisão bibliográfica acima da idéia de Falanstério de Charles Fourier, dentro da corrente socialista utópica, bem como dialogar os fundamentos base dessa teoria com os autores correlacionados: Robert Owen, Saint Simon, Karl Marx e Friedrich Engels. Para exemplificar a teoria, o trabalho apresenta a análise de caso da Colônia Cecília, como resultado do pensamento teórico do socialista utópico Giovanni Rossi.

Palavras-chave: socialismo utópico, socialismo científico, falanstérios, Colônia Cecília.

ABSTRACT

The general objective of this conclusion work is to analyze the experience of the Cecilia colony in light of the theories of scientific socialism. This process will take place through the bibliographic review above the idea of Charles Fourier falangestory within the utopian socialist current, as well as to discuss the basis of this theory with the correlated authors: Robert Owen, Saint Simon, Karl Marx and Friedrich Engels. To exemplify the theory, the paper presents the case study of the Cecília Colony, as a result of the theoretical thought of the utopian socialist Giovanni Rossi.

Keywords: utopian socialism, socialism scientific ,phalanstery, “Colônia Cecília”.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. SOCIALISMO UTÓPICO AO CIENTÍFICO.....	3
2.1 SOCIALISMO UTÓPICO.....	3
2.1.1 SAINT SIMON	4
2.1.2 ROBERT OWEN	5
2.1.3 CHARLES FOURIER	7
2.2 O SOCIALISMO CIENTÍFICO DE MARX E ENGELS	9
3. FALANSTÉRIOS.....	12
3.1 FALANSTÉRIOS PARA FOURIER	12
3.2 A EXPERIÊNCIA AMERICANA DE FALANSTÉRIO	17
4. FALANSTÉRIO NO BRASIL: COLÔNIA CECÍLIA.....	21
4.1 PANORAMA HISTÓRICO.....	21

1. INTRODUÇÃO

O chamado “socialismo utópico” constituiu um fenômeno histórico das ideias que foi bastante típico na primeira metade do século XIX. Através do artigo "Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico", Engels (1880) faz uma breve contextualização do pensamento filosófico e político vigente da época que mais tarde seria chamado de socialismo utópico. A inquietação vivida durante a Revolução Francesa trouxe à tona os problemas sociais no qual se encontrava a classe trabalhadora da época. O abismo social que a sociedade estava condicionada trazia à luz vários pensadores a olhar as relações sociais de maneira diferente do que se era apresentado.

Dentre os autores que serão estudados aqui, veremos Charles Fourier, socialista francês considerado por Marx e Engels como socialista utópico do século XIX participou do processo da Revolução Francesa. Desenvolveu ideias socialistas e urbanistas criticando a desorganização urbana, acompanhada pelo crescimento econômico advindo da Revolução Industrial do século XVIII (Engels, 1880).

Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo uma revisão bibliográfica sobre o Socialismo Utópico, assim como seus principais pensadores, Robert Owen, Saint Simon, com foco em Charles Fourier e na conjuntura sócio-política que motivou a criação dos Falanstérios, tendo como estudo de caso a Colônia Cecília, comunidade de Palmeira-PR, objetivando a fim de identificar a natureza político-econômica do experimento.

O desenvolvimento desta monografia se dará, inicialmente, por uma revisão das teorias de Marx e Engels sobre os principais argumentos pelos quais, os autores, deram à Charles Fourier o título de socialista utópico, levantando dados, com base em pesquisa bibliográfica. As ferramentas que serão base da pesquisa serão: uma análise interpretativa da obra “Do Socialismo Utópico ao Científico” de Friedrich Engels, assim como a obra dos principais pensadores utópicos, em especial as de Charles Fourier e seu estudo sobre os Falanstérios.

A análise dos Falanstérios, modelo de sociedade coletiva, foi proposta e desenvolvida por Fourier no qual as pessoas viveriam em comunidade e iriam se desenvolver em suas atividades de acordo com suas paixões e vocações, propondo a criação do corpo social baseado no cooperativismo de produção e consumo, nos quais poderiam se desenvolver de forma autossuficiente (BARROS, 2011). O autor

discute que através da igualdade social seria possível chegar ao estado que ele chamava de Harmonia.

A fim de ilustração, o estudo de caso da Colônia Cecília, se faz necessário para identificar se a comunidade experimental se enquadra dentro dos moldes de Falansterios propostos por Charles Fourier.

Portanto, além desta introdução, o presente trabalho será dividido em outros quatro capítulos. O capítulo 2 consiste em uma retomada bibliográfica do socialismo utópico e as principais ideias dos pensadores utópicos, Robert Owen, Saint Simon e principalmente, Charles Fourier. E a partir disso, a crítica de Marx e Engels, levando ao desenvolvimento do socialismo científico. O capítulo 3 abordará o modelo de organização social e urbano proposto pelo socialista utópico Charles Fourier, chamado Falanstérios. As principais ideias e conceitos por trás da criação de uma sociedade coletiva e a experiência americana de falanstério. No capítulo 4, veremos se a Colônia Cecília que tratou de um experimento socialista utópico e por qual razão o projeto de implementação chegou ao fim. E, por fim, o capítulo 5 apresenta a conclusão.

2. SOCIALISMO UTÓPICO AO CIENTÍFICO

O presente capítulo apresentará os principais socialistas utópicos fazendo uma breve abordagem no que tange suas principais ideias. O socialismo utópico teve impulso durante o período da Revolução Industrial, no qual foi a base para crítica de Marx e Engels. Aqui também será exposto como esses últimos seguiram o percurso do socialismo utópico ao científico. A principal crítica aos pensadores utópicos é que estes restringiam as suas teorias em mudar o comportamento humano e não suas relações de base econômica.

2.1 SOCIALISMO UTÓPICO

Em meio a Revolução Industrial e Revolução Francesa, a economia se adequava ao molde capitalista industrial e a sociedade se repaginava para uma nova configuração. A preocupação com a readaptação da sociedade a uma nova estrutura de governabilidade e poder, fomentava ideias de diversos pensadores europeus para a sustentabilidade de um novo Estado.

Essa conjuntura iniciou o processo de evolução dos pensamentos franceses, no que tange a consolidação de um Estado Racional, isto é, todo o “modos operandi” da sociedade e Estado, eram dados até então como irracionais, imersos em falsas verdades, e sem parâmetro de referência real de governabilidade. Surge então o Império da Razão, (Rousseau, e os contratualistas) que incitam um formato revolucionário burguês, que nada mais era que a atualização de um movimento da nobreza, porém agora em contexto capitalista.

“O Estado da Razão veio refletindo a forma enfiada de descontentamento da sociedade logo após a Revolução Francesa, de que nada que estava em exercício até então, era racional, e tudo que fosse contrário a essa razão deveria ser rechaçado. Porém a insistência nessa razão retórica, sem saber ao certo qual era a razão verdadeira e real, fez com que o Estado da Razão entrasse em situação de caos. (...)’A prometida paz eterna convertera-se numa interminável guerra de conquistas. Tampouco teve melhor sorte a sociedade da razão. O antagonismo entre pobres e ricos, longe de dissolver-se no bem-estar geral, aguçara-se com o desaparecimento dos privilégios

das corporações e outros, que estendiam uma ponte sobre ele, e os estabelecimentos eclesiásticos de beneficência, que o atenuavam.” (ENGELS, 1886).

Por outro lado, haviam os proletários que assistiam a permanência dos moldes de classe, e desigualdades de direitos políticos e sociais. Eram a maioria, não tinham posses e privilégios como a nova classe burguesa. As reformas propostas até então eram representações de interesse da burguesia, porém alternativamente haviam rompantes revolucionários das classes não representadas como os Levante Revolucionário Camponês em diversas partes da Europa: Alemanha (Reforma Camponesa), Inglaterra (Levellers) e França (Babeuf) (ENGELS, 1886).

“Essas sublevações revolucionárias de uma classe incipiente são acompanhadas, por sua vez, pelas correspondentes manifestações teóricas: nos séculos XVI e XVII (3) aparecem as descrições utópicas de um regime ideal da sociedade; no século XVIII, teorias já abertamente comunistas, como as de Morelly e Mably. A reivindicação da igualdade não se limitava aos direitos políticos, mas se estendia às condições sociais de vida de cada indivíduo; já não se tratava de abolir os privilégios de classe, mas de destruir as próprias diferenças de classe.” (ENGELS, 1886).

Pensando na carência das classes não atendidas pela representatividade burguesa, ou que não houvesse o suprimento das reais necessidades pela nova prática de Estado, começaram a surgir as correntes de pensamentos baseada no cooperativismo, com foco para uma nova estrutura de equidade entre as classes, focando nas condições sociais da base trabalhadora. Começaria então as correntes socialistas utópicas desenvolvidas por Saint-Simon, Robert Owen e Charles Fourier.

2.1.1 SAINT SIMON

“Preocupado com as consequências vertiginosas da industrialização, o conde Claude Henri Rouvroy de Saint-Simon dedicou-se às primeiras manifestações a respeito do socialismo antes mesmo que a palavra fosse criada ou delimitada” (ZWICK, 2016).

De educação de princípios liberais, Simon abordava o antagonismo entre o “terceiro estado” - trabalhadores, negociantes, comerciantes – e a nobreza, chamada por ele de “ociosa”. “Que os ociosos haviam perdido a capacidade para dirigir

espiritualmente e governar politicamente era um fato Indisfarçável, selado em definitivo pela Revolução. E, para Saint-Simon, as experiências da época do terror haviam demonstrado, por sua vez, que os descamisados não possuíam tampouco essa capacidade. Então, quem haveria de dirigir e governar ”. (ENGELS,1886).

Os pilares estruturais da nova configuração socioeconômica, estariam sobre a égide de uma fusão da Indústria com a Ciência – novos acadêmicos, burgueses ativos, fabricantes, banqueiros - unidos por um novo laço religioso, chamado de “novo cristianismo”.

No entanto, o restante da população não deveria ficar em ociosidade. Para Saint Simon, os despossuídos também deveriam trabalhar, já que eles eram a maioria, e participavam de uma luta de classes que não compreendia somente burguesia X nobreza. As ideias de Simon dialogavam com a concepção cooperativista de sociedade, de que cada um pudesse contribuir segundo suas capacidades, para a necessidade do próximo “a cada um segundo sua capacidade, a cada capacidade segundo seu trabalho” (SARGANT, 1858, p. 37). Tal ideia foi apropriada posteriormente por Karl Marx “de cada um segundo as suas capacidades, a cada um segundo as suas necessidades” (MARX, 1974, p. 20).

Segue abaixo a síntese das Idéias de Saint – Simon

“(i) concepção materialista, econômica, da produção e noção de que a produção é social, dividida em classes; (ii) valorização do trabalho e das capacidades individuais contra as elites ociosas; (iii) não redução da ideia de indústria ao sistema fabril, mas a uma noção mais ampla, iluminista, de espírito produtivo versado nas várias artes liberais; (iv) organização racional hierárquica e planificada da produção, que expressa um viés tecnocrático, mas derivada da crença iluminista na vocação emancipadora da razão; (v) princípio motor das sociedades industriais assentado na participação e na cooperação pacíficas; (vi) princípio da administração das coisas, que soaria a Marx e Engels como uma sugestão de economia associada e superação do Estado; (vii) intuição, mas não percepção clara, da importância da pequena unidade social na transformação da sociedade; (viii) reorganização da vida social por um novo cristianismo, cuja conversão moral dos homens segundo o princípio do amor visa melhorar a sorte do proletariado; (ix) a ideia utópica de transformação é, pela primeira vez, relacionada às forças produtivas, porém sem suprimir a propriedade privada, a livre empresa e o lucro dos capitalistas, cuja riqueza deveria ajudar os mais necessitados.” (ZWICK,2016).

2.1.2 ROBERT OWEN

Enquanto isso na Inglaterra, surgia um homem que se tornara empresário

ainda jovem, pensava diferente sobre o cenário caótico da Revolução Industrial. Robert Owen fora diretor de fábricas de algodão, em New Lamark, chegando a ser responsável por 2500 funcionários, sendo ele, segundo Engels (1886), “um condutor de homens como poucos”.

Owen trazia em sua bagagem teórica aspectos materialistas para a aplicação de uma nova ordem fabril, porém atribuindo condições mais humanas aos trabalhadores em chão de fábrica, como a redução de jornadas de trabalho, diárias integrais mesmo em período de crise do produto fabricado, estabelecimento de jardins de infância para que os filhos dos trabalhadores estivessem em segurança. Essa forma de gestão de Robert Owen, advinha de suas teorias quanto à interferência do ambiente externo à produção do trabalhador. “Como empresário, Owen se via na obrigação de oferecer novos parâmetros para a organização social, de modo que acreditava em mudanças por fora das contradições expressas na sociedade e na luta de classes” (ZWICK, 2016).

A experiência de Owen em New Lamark, foi um exemplo modelo de construção de direitos sociais do trabalhador, que até então eram quase nulos. Assim como Fourier, ele propôs unidades sociais orgânicas, porém com base fabril e não somente agrícola, para provar a veracidade de sua teoria, também de cunho cooperativista e até mesmo filantrópica.

Os custos sociais que eram gerados pelo gerenciamento que Owen propôs em New Lamark, custou o sucesso de seu projeto. Sem apoio de seus sócios e tampouco do Estado, a força da natureza concorrencial capitalista logo o arruinou (ENGELS, 1886). Ainda permanente de seus pensamentos, o utópico apontou a propriedade privada como um atributo causador do desequilíbrio e propôs a criação de comunidades autossuficientes, com ideais comunistas afim de combater a miséria na Irlanda, conhecidas como “Comunidades Iguamente Perfeitas” (ENGELS, 1886). Essa evolução para o Comunismo marcou a vida de Robert Owen, embora em pouco tempo se deparasse com outro fracasso de seu novo projeto. Owen atacava as principais instituições pilares daquela época: a propriedade privada, o casamento e a religião.

Apesar dos fracassos, Owen também registrou grandes avanços na história da classe trabalhadora inglesa.

“(…)em 1819, depois de cinco anos de grandes esforços, conseguiu que fosse votada a primeira lei limitando o trabalho da mulher e da criança nas fábricas. Foi ele quem presidiu o primeiro congresso em que as trade-unions de toda a Inglaterra fundiram-se numa grande organização sindical única. E foi também ele quem criou, como medidas de transição, para que a sociedade pudesse organizar-se de maneira integralmente comunista, de um lado, as cooperativas de consumo e de produção - que serviram, pelo menos, para demonstrar na prática que o comerciante e o fabricante não são Indispensáveis -, e de outro lado, os mercados operários, estabelecimentos de troca dos produtos do trabalho por meio de bonus de trabalho(…)” (ENGELS,1886).

Robert Owen procurou, em sua trajetória, humanizar a estrutura capitalista fabril, instaurando o conceito de Filantropia na tentativa que os demais capitalistas adotassem o conceito para a melhoria das condições vigentes de trabalho da época.

2.1.3 CHARLES FOURIER

François Marie Charles Fourier (1772 – 1837), nasceu na França, em meio a uma família de comerciantes, embora não tenha seguido a carreira dos pais. Sempre cultivou o desejo solidário de preocupação com a Humanidade, o que levou a procurar as causas da situação em que se encontrava a sociedade francesa daquela época. “O pensador francês estava convencido de que a Revolução Francesa tinha sido um equívoco, pois, partindo da percepção de que era preciso transformar a sociedade, devido ao fato de que os seres humanos estavam submetidos à pressão de instituições injustificáveis, os revolucionários acabaram por não mudar nada” (ROCHA Et AL., 2013);

Fourier destilava impiedosas críticas à classe burguesa. Desmascarou a ilusão dos pensamentos de perfeição burguesa, e os comparou com antigos “enciclopedistas” que valorizavam o Estado da Razão. Considerava quatro fases de desenvolvimento da sociedade: selvagismo, barbárie, patriarcado e civilização. Nesta última, havia uma hipocrisia considerando a sociedade burguesa, que repetia os mesmos hábitos de uma sociedade bárbara, porém de forma mais sofisticada.

Charles Fourier considerava que a sociedade estava dentro de um ciclo vicioso, repetindo contradições, destacando que “na civilização, a pobreza brotava da abundância” (ENGELS, 1886), ou seja, essa evolução aparente, era apenas uma redenominação social, e não de fato uma evolução – uma maioria despossuída

necessitada, e uma minoria em estado de abundância, promessa de um potencial transformador. A burguesia nada mais era do que uma extensão dos estados superiores da pirâmide.

O autor considerava que a sociedade, em seu estado de civilização, era consumida de paixões que a assombravam e ameaçavam a estabilidade moral dos indivíduos. Eram doze as paixões da sociedade:

“As cinco primeiras paixões, para ele, derivam dos órgãos dos sentidos: a paixão de olhar, a de ouvir, a do paladar, a do olfato e a do tato. Outra parte de categoria de paixões reúne aquelas que se referem a determinados afetos, como: a paixão da amizade, a do amor, a da ambição e a do “familismo”. Essas quatro paixões lidam com as relações entre as pessoas e se distinguem das cinco anteriores, que se referem às relações das pessoas com as coisas. As três últimas paixões são chamadas por Fourier de “distributivas”: a compósita (da entrega do indivíduo a uma causa, um ideal), a borboleta (necessidade de ir de flor em flor sem se fixar numa coisa só) e a cabalista (leva o indivíduo a se assumir como indivíduo particular no interior de qualquer coletividade) (LEHOUCK, 1973)”

De acordo com Fourier, Deus havia organizado o mundo com base no princípio da atração, só que, enquanto os astros obedeciam mecanicamente aos desígnios de Deus, os homens haviam se afastado dos caminhos indicados. “A civilização, então, levava ao máximo esse afastamento, gerando desordem, anarquia, especulação, parasitismo e miséria. A ideia central que move a obra de Fourier encontra-se no Princípio da Atração Universal que, segundo ele, regeria o mundo físico e social, material e espiritual”. (KONDER, 1998).

“Fourier vai além de Saint-Simon ao reconhecer a importância da pequena unidade social na transformação da sociedade, entendendo ser melhor coordenar a produção e o consumo em grupos pequenos. A ideia de indústria não o agradava, uma vez que era menos otimista e mais sensível às contradições desse sistema.” (ZWICK, 2016).

Charles Fourier acreditava na importância da “filantropia” como forma de um amor evoluído que nascesse da sociedade, descompromissado de ganhos de troca. Apostava na prática de uma “educação societária” onde as pessoas evoluiriam não somente em suas capacidades úteis para a sociedade, mas também, em habilidades que lhes trouxessem o prazer da prática. A exemplo de Saint-Simon, a sociedade para a qual Fourier caminhava “se concretizaria em uma nova “esfera pública”, comunitária. Estava baseada em doações, dado o princípio do amor, não integrava a ideia de

autoajuda. Não possuía caráter comunista, pois se mantinham a propriedade, a hereditariedade e o lucro, inclusive o do capital “(MLADENATZ, 2003).

Diante do caráter cooperativista de seu pensamento, Fourier imaginava uma sociedade onde houvesse uma proposta de ação coletiva entre os indivíduos. Tendo como base a “educação societária”, segundo ele, a sociedade deveria ser estruturada em “Falanges” constituídas em edifícios chamados “Falanstérios”. A experiência do Falanstério seria a aplicação prática decisiva de suas teorias.

“Fourier denominava falanstério o edifício onde estaria instalada a falange experimental e chegou à dimensão de 1.620 pessoas de diferentes condições sociais, porém, assegurando a presença de uma minoria de capitalistas, artistas e intelectuais. A área deveria ser próxima a uma cidade, com terra fértil, colinas, bosques e rio. A remuneração de serviços e trabalhos circularia no falanstério e ajudaria a fazer o sistema funcionar”. (KONDER, 1998).

“Sua preocupação com a defesa da autonomia das pessoas o distinguiu de outros teóricos socialistas da primeira metade do século XIX. Foi também um crítico ferino do economicismo, do capitalismo de sua época, e adversário da industrialização, da civilização urbana, do liberalismo e da família baseada no matrimônio e na monogamia. O caráter jovial com que Fourier realizou algumas de suas críticas, fez dele um dos grandes satíricos de todos os tempos.” (ROCHA ET AL., 2013).

2.2 O SOCIALISMO CIENTÍFICO DE MARX E ENGELS

“E o socialismo científico, expressão teórica do movimento proletário, destina-se a pesquisar as condições históricas e, com isso, a natureza mesma desse ato, infundindo assim à classe chamada a fazer essa revolução, à classe hoje oprimida, a consciência das condições e da natureza de sua própria ação” (ENGELS, 1886).

Dialética é um método filosófico desenvolvido através do diálogo. A ação de dialogar, questionar, abranger diversas visões e contradições de um mesmo assunto é a Dialética. Embasada sobre três leis, A Tese (axioma), Antítese (definição) e Síntese (teorema), a Dialética analisa o movimento como um todo, assumindo novas formas de conceito, com o decorrer do tempo e dos acontecimentos. Não se limita a ouvir apenas uma parte, ela abrange a negação da negação, do concreto ao abstrato,

bem como elementos conflitantes de um determinado assunto (KONDER, 2004).

O método dialético foi desenvolvido por Sócrates e Aristóteles, porém foi Hegel e Marx que utilizaram a abordagem do conceito para o desenvolvimento do que viria a ser o Socialismo Científico.

“O sistema de Hegel foi um aborto gigantesco, mas o último de seu gênero. De fato, continuava sofrendo de uma contradição interna incurável; pois, enquanto de um lado partia como pressuposto inicial da concepção histórica, segundo a qual a história humana é um processo de desenvolvimento que não pode, por sua natureza, encontrar o arremate intelectual na descoberta disso que chamam verdade absoluta, de outro lado nos é apresentado exatamente como a soma e a síntese dessa verdade absoluta. Um sistema universal e definitivamente plasmado do conhecimento da natureza e da história é incompatível com as leis fundamentais do pensamento dialético - que não exclui, mas longe disso implica que o conhecimento sistemático do mundo exterior em sua totalidade possa progredir gigantesca e de geração em geração.” (Engels, 1886).

A Dialética utilizada pela filosofia alemã, atribuiu o conceito materialista para analisar o contexto evolutivo histórico revolucionário da época. Até então tanto o socialismo inglês como o francês utópico, consideravam tanto a produção como as relações econômicas, elementos secundários. Através da Dialética, a filosofia alemã estabeleceu uma revisão das revoluções históricas, buscando além das causas e efeitos, suas concatenações, encontrando então, um dos pontos fundamentais em que se baseiam as lutas de classes passadas.

“Os novos fatos obrigaram à revisão de toda a história anterior, e então se viu que, com exceção do Estado primitivo, toda a história anterior era a história das lutas de classes, e que essas classes sociais em luta entre si eram em todas as épocas fruto das relações de produção e de troca, isto é, das relações econômicas de sua época; que a estrutura econômica da sociedade em cada época da história constitui, portanto, a base real cujas propriedades explicam, em última análise, toda a superestrutura integrada pelas instituições jurídicas e políticas, assim como pela ideologia religiosa, filosófica, etc., de cada período histórico. (...)Desse modo o socialismo já não aparecia como a descoberta casual de tal ou qual intelecto genial, mas como o produto necessário da luta entre as duas classes formadas historicamente: o proletariado e a burguesia. Sua missão já não era elaborar um sistema o mais perfeito possível da sociedade, mas investigar o processo histórico econômico de que, forçosamente, tinham que brotar essas classes e seu conflito, descobrindo os meios para a solução desse conflito na situação econômica assim criada.” (Engels, 1886).

Como dito na referência acima, em uma citação de Engels, o socialismo científico diferente do socialismo utópico, não almejava uma sociedade perfeita, e sim

uma forma de transcender os problemas que geraram a luta entre proletários e burguesia, ou seja, superar as formas de produção e configuração econômica que se repetia ao longo da história. A propriedade privada era o principal ponto causador desse conflito. Segundo Engels, o socialismo utópico, por não incorporar a concepção materialista, não conseguia explicar o capitalismo, muito menos destruí-lo ideologicamente. “Quanto mais violentamente clamava contra a exploração da classe operária, inseparável desse modo de produção, menos estava em condições de indicar claramente em que consistia e como nascia essa exploração” (Engels, 1816).

Faltava ao socialismo utópico, considerar os fatores concretos que operavam dentro dos moldes de produção. A mais-valia, o valor do tempo de trabalho do funcionário, era explorada pelos capitalistas para extrair ao máximo o rendimento do trabalhador, sem remunerá-lo de acordo com sua valia.

3. FALANSTÉRIOS

O presente capítulo abordará o modelo de organização social e urbano proposto pelo socialista utópico Charles Fourier, os Falanstérios. Em sua teoria, Fourier apresenta a aplicabilidade de suas ideias como forma de solução para o modelo capitalista que se encontrava em ascensão no início do século XVIII com a Revolução Industrial.

3.1 FALANSTÉRIOS PARA FOURIER

Charles Fourier, socialista francês do século XIX, que participou do processo da Revolução Francesa, desenvolveu ideias socialistas e urbanistas criticando a desorganização urbana acompanhada pelo crescimento econômico advindo da Revolução Industrial século XVIII.

Propondo a criação do corpo social baseado no cooperativismo de produção e consumo, os quais poderiam desenvolver-se de forma autossuficiente. Fourier discute que através da igualdade seria possível chegar ao estado que ele chamava de Harmonia. Segundo BARROS (p. 252, 2011), a “Cultura adquiriria um lugar central nesta nova Era da Harmonia, que substituiria a degradada “Civilização”. Cada Falanstério só poderia realizar-se plenamente se fosse bem sucedido em transformar cada um de seus habitantes em um artista sensível tanto, às diversas formas de sociabilidade, como à estética e à ecologia do novo mundo”.

Segundo, QUEIROZ (1990), Charles Fourier não se limitou, entretanto, a apontar os defeitos, os erros fundamentais da sociedade que se levantava sobre os escombros do mundo feudal. Não chegou a aconselhar uma "volta ao passado". Empenhou-se em procurar uma solução real, e acreditou encontrá-la com o seu "falanstério". O problema é que essa solução real de Fourier vem do mundo das ideias e não do mundo das relações de produção, visto que tais relações determinam. (QUEIROZ, p.5, 1990)

O terror vivido durante a Revolução Francesa, tinha levantado questões e reflexões para Fourier se aquele modo de política econômica e social seria a melhor solução para as mazelas em que a população vivia, toda a desordem e o caos social em que se encontrava a Europa naquela época não parecia o modo ideal de se viver.

A sua crítica parte não só pelo contexto social, mas também de suas próprias experiências, passando a ser uma marca presente em sua teoria.

“Em sua juventude, Fourier havia sido obrigado a trabalhar, contra a sua vontade, como balconista ligado ao Comércio e agora reagia contra isto ao elaborar um modelo utópico que excluía dos quadros sociais do trabalho exercido sem prazer e vocação.” (BARROS, p.249, 2011).

Fourier tentou adequar a cidade urbana com a cidade rural, através de uma nova ordem social.

“Concebeu desde a sua Arquitetura até a indumentária a ser utilizada pelos seus habitantes. Basicamente seria como uma cidade auto-suficiente construída em um ambiente rural onde viveriam os operários da época provido de terras para agricultura como fábricas de diversas atividades econômicas.” (BARROS, p.251, 2011)

Seu sistema de organização social se daria com a criação de um modelo urbanista que ele chamou de *Falanges*, no qual os seus habitantes trabalhariam em prol da comunidade exercendo suas paixões e vocações. As falanges propostas por Fourier seriam correspondentes a pequenas unidades sociais com populações de cerca de 1500 habitantes, e cada uma possuiria um edifício comum chamado Falanstério no qual todos viveriam harmoniosamente (BARROS, p.246, 2011).

“Todos devem morar em uma só casa coletiva, verdadeiro palácio. As refeições se preparam na cozinha comum, e todos os serviços, desde a agricultura aos de mais alto teor intelectual são prestados mutuamente por grupos de especialistas.” (QUEIROZ, p.9, 1990).

No falanstério não haveria seres humanos improdutivos – tal como existiam no estado de “Civilização” que o seu sistema pretendia superar. Segundo Fourier, a improdutividade abarcava cerca de 2/3 dos seres humanos, entre profissões desnecessárias e improdutivas, fora os ociosos de várias espécies e as mulheres, que eram mantidas em reclusão doméstica (BARROS, p. 248, 2011). O conceito de trabalho improdutivo para Fourier se trata de trabalhadores que não estão desenvolvendo seu potencial para produzir, partindo do princípio de lei universal de que a população deveria viver conforme suas vontades e aptidões sem o julgamento

social que havia na época, dessa forma aproveitaria-se ao máximo a habilidade de cada pessoa que vivesse nesse tipo de organização social.

Suas ideias também abrangiam de forma enérgica uma crítica social da desigualdade de gênero e de como isso impactava diretamente na economia estabelecida, como a sociedade patriarcal influenciava a sociedade de ser realmente livre de padrões. Segundo BARROS (p.247, 2011), Fourier chamou de “prostituição hipócrita e legal” o processo que resultaria após alguns anos em doenças e ressentimentos, ou uma cascata de infidelidades desenfreadas, multiplicando estas figuras deprimentes dos maridos e mulheres traídos que, julgando-se proprietários do outro, acabavam por se verem afrontados precisamente naquilo que foram educados a conceber como último reduto de sua honra.

Levando em conta que o comportamento dos indivíduos podem modificar-se com o passar do tempo, Fourier caracterizou alguns tipos de paixões nos quais o ser humano é suscetível ao longo de sua existência, essas paixões segundo ele tem impacto direto de como o ser humano se comporta em uma sociedade e de como seu desenvolvimento ao longo da sua vida se dá.

Dentre elas a mais evidente em sua teoria era chamada "paixão borboleta" (BARROS, p. 249, 2011). Ele acreditava que o ser humano tinha um desejo interno de variedade, conforme a necessidade biológica que a borboleta tem em sua metamorfose existente, o ser humano da mesma forma tem a ânsia de passar de um estágio para o outro, em constante evolução e aprendizado não se tornando apenas um especialista em funções, mas sim pessoas que pudessem adquirir conhecimento de vários ofícios.

No que tange a distribuição de renda, ele acreditava que a propriedade privada e o dinheiro não teriam efeitos maléficos à população, uma vez que o salário se daria de acordo com o desenvolvimento de cada função exercida na comunidade. Esse é um dos pontos principais da crítica de Marx, pois o socialismo utópico não acabaria com a desigualdade uma vez que detentores da propriedade privada se trata dos capitalistas que fazem parte de uma pequena parcela da sociedade.

“Horrorizai-vos porque queremos abolir a propriedade privada. Mas em vossa sociedade a propriedade privada está abolida para nove décimos de seus membros. E é precisamente porque não existe para estes nove décimos que ela existe para vós. Acusai-nos, portanto, de querer abolir uma forma de propriedade que só pode existir com a condição de privar de toda propriedade a imensa maioria da sociedade.” (MARX & ENGELS, p.39)

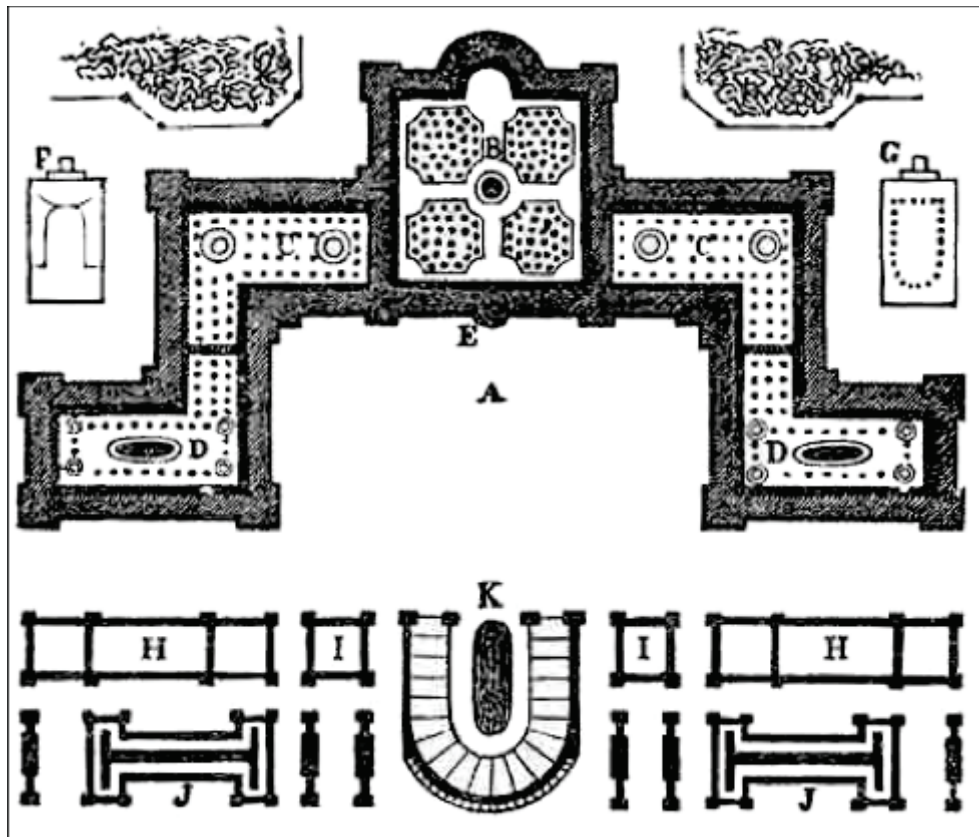
Por outro lado, Fourier não reconhece na sua teoria os problemas sociais que a propriedade causa dentro da sociedade capitalista, não compreendendo a luta de classes causada pela propriedade privada, pois buscava um socialismo baseado na evolução natural da sociedade, onde a redistribuição da riqueza seria uma solução para desigualdade social. Dessa forma, a riqueza produzida no Falanstério dava-se através da qualidade de trabalho produzida. No entanto, Fourier não avança na solução do problema da desigualdade que a classe social estabelece na sociedade e tenta remediar a dicotomia entre o proletariado e a burguesia.

“Claro que, ao passar da atitude crítica à definição de normas e à atividade concreta, muda automaticamente a posição de Fourier - como a dos demais socialistas utópicos. Fourier não percebeu a dinâmica interna do movimento social. Despreza a luta política, e ignora o papel histórico reservado ao proletariado na destruição do capitalismo e na edificação de uma sociedade nova, "racional e harmônica". Mesmo porque o proletariado não havia ainda se definido, a seu tempo, como "classe para si." (QUEIROZ, p.5).

A descrição da arquitetura foi detalhada por Fourier em seus escritos. Segundo BARROS (2011), o Falanstério seria um palácio de muitas alas – um verdadeiro “turbilhão” paradisíaco, para nos colocarmos diante da etimologia buscada por esta designação – e compreenderia galerias envidraçadas, pátios internos, jardins, galpões, salas comunais, oficinas, hospedarias, áreas lúdicas que incluiriam um Teatro, e até mesmo uma Igreja, uma vez que Fourier atrela seu projeto a um novo tipo de Cristianismo pronto a asseverar que a satisfação de todas as paixões seria recomendável, já que todas viriam de Deus.

Conforme a figura a seguir, as alas do Falanstério seriam distribuídas da seguinte maneira: a ala B se trata do pátio que servia para caminhadas de inverno com vegetação e lagos, as alas F e G seriam os espaços onde se localizariam as igrejas, as laterais do edifício representados pela letra D era destinada a serviços e atividades internas consideradas barulhentas, como carpintaria e marcenaria. Já as alas H, I, J, K representavam os celeiros, galpões e atividades agrícolas, podendo abrigar lojas e oficinas (FOURIER, 1829).

MODELO DE FALANSTÉRIO DE CHARLES FOURIER



FONTE: FOURIER, 1829

As alas do Falanstério também teriam apartamentos de preços diferentes (20 tipos de preços), mas o número máximo de peças que poderiam ser possuídas por um habitante do Falanstério seriam três (BARROS, p.251, 2011).

O Falanstério seria baseado na produção de agroindústrias cooperativistas divididas pelos habitantes, que seriam administradas por si próprias. Hugon (1980) define como Falanstério uma forma de “hotel cooperativo”, onde cada um receberá em troca um número de ações proporcionais a sua contribuição.

A Cultura tinha um papel importante na composição desse novo modo de vida proposto, como citado anteriormente a importância do desenvolvimento do indivíduo era a principal chave para se viver em harmonia, dessa forma os moradores dos Falanstérios deveriam se desenvolver artisticamente. Seus moradores deveriam ser estimulados a expressar o que sentem no seu íntimo baseados em suas experiências vividas.

“A rede planetária de falanstérios nos apresenta, com os sonhos de Fourier, não apenas um novo mundo industrial e agrícola, como também um novo

mundo artístico, e, sobretudo, um novo mundo amoroso – um mundo no qual estaria superada a “legalidade prostituída” do vil casamento monogâmico, em favor de um mundo de livres orgias no qual surgiria uma “prostituição santa”, pronta a ministrar cursos de amor e a oferecer a todos este que é o mais lúdico dos trabalhos que requerem a dedicada especialização da arte erótica, da mesma forma que surgiriam verdadeiras “hordas de cavalaria amorosa” secundadas por trupes de trovadores e sedutoras quadrilhas de vestais e bacantes.” (BARROS, p.252, 2011).

Fourier, através do seu idealismo de que a sociedade seria transformada pela boa vontade, apelou o financiamento do seu projeto para alguns burgueses da época, se contradizendo, uma vez que os mesmos participavam do regime capitalista como detentores dos meios de produção (ZWICK, 2016). Portanto, vê-se aqui que o modelo proposto estava submetido às lacunas que Marx e Engels apontaram, sobre as dificuldades de interpretação dos socialistas utópicos de como funcionavam as relações capitalistas, sobretudo o conceito de propriedade privada.

Fourier, escreveu cerca de quatro mil cartas a pessoas poderosas, ricas ou influentes, na esperança de obter apoio para o seu projeto. Também colocou anúncios em jornais mostrando-lhes que poderiam obter grandes lucros caso investissem nos falanstérios, que também seriam produtivos. (BARROS, p.253).

3.2 A EXPERIÊNCIA AMERICANA DE FALANSTÉRIO

As desigualdades e inseguranças dos estágios iniciais da industrialização nos Estados Unidos despertou o interesse pelo socialismo utópico, alternativas como aldeias, modelo de Robert Owen e falanges de Charles Fourier. O primeiro apóstolo americano de Fourier, Albert Brisbane, simplificou, expurgou, e popularizou as teorias do socialista francês em uma série de artigos publicados no O New York Tribune de Horace Greeley. (DUBLIN, 1981).

Albert Brisbane, americano de família rica, proprietário de várias terras nos Estados Unidos, sempre se mostrou interessado em estudar as relações que se dava na sociedade. Quando jovem seu pai o mandou para Paris e em seguida para Berlim para aprofundar seus estudos. Lá estudou filosofia e conheceu o fourierismo, que despertou seu interesse. Empolgado com as ideias de Fourier, voltou aos Estados Unidos decidido a propagar suas ideias e convencido de que o modelo proposto por Fourier era possível de ser aplicado. (AUGUSTYN , Et AL.,1998).

Em março de 1842, Greeley vendeu à Brisbane uma coluna de primeira página no New York Tribune, tornando-o um veículo para expor as virtudes de Fourierismo. Provou-se, assim, uma notável ferramenta de propaganda, e nos 30 anos seguintes, mais de 29 falanges Fourieristas, sindicatos e sociedades foram estabelecidos em todo os Estados Unidos (PREUCCEL, PENDREY, 2006).

O experimento em Nova Jersey, EUA, (1844-1854), foi um dos projetos de falanstério que, na época, atraiu diversas pessoas, de diferentes classes sociais com a mesma compatibilidade de ideias. As novas ideias propagadas eram vistas como uma nova forma de viver, diferente da vigente durante a Revolução Industrial. O experimento se tratava de uma falange em Red Bank.

COLÔNIA DE NOVA JERSEY ,EUA, (1844-1854)



FONTE: Biblioteca do Congresso Nacional dos EUA. Disponível em: <<https://www.loc.gov/resource/hhh.nj0126.photos/sp=2>>

Baseada no cooperativismo e também conhecida como sociedades associacionistas, a comunidade de Nova Jersey foi considerada a que perdurou por mais tempo, dentre as estabelecidas nos Estados Unidos. Segundo DUBLIN, os residentes do NAP¹ vieram de todas as esferas da vida. Eles eram comerciantes,

¹ Comunidades utópicas, localizadas na América do Norte: falange em Colts Neck, Nova Jersey

mecânicos, carpinteiros, costureiras, impressoras, sapateiros, professores e donas de casa. (DUBLIN,1982). Alguns eram homens ricos capazes de comprar grandes quantidades de estoque; outros poderiam contribuir apenas com boa saúde e trabalho árduo para a comunidade.

Outro projeto também de suma relevância foi o de Brook Farm nos Estados Unidos, em Massachusetts. Consistia em uma fazenda que foi reorganizada com objetivo de se tornar um falanstério, seguindo os moldes de Fourier, através da divisão de trabalho por grupos e espaços que concentram cada atividade. Segundo PREUCCEL & PENDREY, três séries primárias foram estabelecidas: a agrícola, a mecânica e as indústrias nacionais, e cada uma delas era subdividida em vários grupos (PREUCCEL & PENDREY, 2006). Por exemplo, a sessão doméstica era composta de dormitório, cozinha, lavar, passar e consertar. O chefe de cada grupo deveria ser eleito a cada semana e um de seus principais deveres era manter um registro do trabalho feito por cada membro do grupo.

“Brook Farm foi uma comunidade experimental fundada em 1841, que, curiosamente, atraiu os intelectuais da Nova Inglaterra. Localizada em West Roxbury, Massachusetts, perto de Boston e fundada por George Ripley, objetivava unir o trabalho físico e o mental, buscando o ideal de uma vida simultaneamente simples e culta. Todos os seus membros, fossem trabalhadores braçais ou intelectuais, recebiam o mesmo salário e os lucros dividiam-se conforme o número de dias trabalhados por cada um. O escritor Nathaniel Hawthorne foi um dos primeiros a ir para tal comunidade, assim como o editor Charles Dana, ao lado de artesãos e fazendeiros.” (MENRGUELLO, p.195)

Era uma grande casa que foi dividida para abrigar diversas classes sociais e suas diversificadas funções de trabalho, porém os acionistas que investiram no projeto tiveram alguns benefícios diante dessa divisão, causando um incômodo por parte das outras pessoas que participavam do projeto, fazendo com que o desenvolvimento arquitetônico fugisse dos moldes que Fourier propunha (PREUCCEL & PENDREY, 2006).

O grande problema que a comunidade enfrentou foi justamente as lacunas que não eram discutidas, e que não propunham o fim da propriedade privada. Considerava-se apenas que, através do idealismo moral e a boa vontade cooperativista, a sociedade mudaria. No entanto, em quase todas falanges

americanas, desenvolveram-se conflito e tensões entre ricos acionistas ausentes e membros residentes, bem como internamente entre comerciantes de classe baixa e os "aristocratas".

Dessa forma, a tentativa de aplicabilidade nos Estados Unidos do modelo de Falanstério proposto por Charles Fourier, não teve força para continuar vigente. Suas ideias utópicas não conseguiram atingir os principais problemas que se encontrava na sociedade capitalista. A divisão da propriedade privada e a continuação das classes sociais, que beneficiaram os acionistas, se mantiveram e a ideia de que o homem modificaria a sociedade através da boa vontade não prosperou.

4. FALANSTÉRIO NO BRASIL: COLÔNIA CECÍLIA

Ao analisar o contexto histórico de experimentos socialistas no Brasil, o estado do Paraná conta com um caso experimental de uma comunidade que possui características cooperativas e um molde de configuração baseado na liberdade social e econômica de sua sociedade. Este estudo de caso pretende analisar, a partir da revisão bibliográfica histórica e narrativa, se a Colônia experimental “Cecília” se enquadra nos moldes socialistas de Falanstério proposto por Charles Fourier, verificar a viabilidade do funcionamento da comunidade dentro de um país onde se configura um modelo majoritariamente capitalista, bem como as causas que provocaram o fracasso do modelo praticado após quatro anos de sua fundação.

4.1 PANORAMA HISTÓRICO

Giovani Rossi, imigrante italiano no Brasil, foi considerado um socialista utópico dentre os intelectuais que vieram para o país. A produção intelectual do mentor e líder da colônia Cecília, Giovanni Rossi era tanto literária como política. Seus romances utópicos, “Un Comune Socialista” (1878) ou “Un episodio d’amore nella colonia Cecilia” (1891) faziam a crítica da sociedade presente, burguesa, do Estado e, em seu lugar, propunham uma vida alternativa organizada em comunidades socialistas experimentais (CARVALHO, 2010). Rossi esteve presente no movimento anarquista italiano, e defendia a criação de comunidades em que se vivenciaria uma sociedade diametralmente oposta às sociedades a volta dessas comunidades. “Veículo de confissão do imaginário, a utopia é a possibilidade da diferença, expressão elaborada da alteridade. Os utopistas, como Giovanni Rossi, trataram de colocar em prática o seu socialismo, por meio de pequenas comunidades, visando, pelo contágio do exemplo, que se espraiasse por todo o corpo social.” (CARVALHO, 2010).

Durante a vinda do Imperador Dom Pedro II ao Brasil para tratamento de saúde, Giovanni Rossi já pretendia realizar seu experimento no país. Desenhou suas ideias em uma audiência com o Imperador, e dele teve seu aval, e uma contribuição de 300 alqueires de terras na região dos campos gerais no estado do Paraná. Para o Imperador, a tentativa de Rossi parecia interessante já que o circuito de imigração russo-alemã havia fracassado, e o Brasil era proclamado como uma terra de oportunidades abertas a todos, até mesmo aos socialistas e anarquistas radicais.

Mesmo durante a transição do Império para a República, Rossi não desistiu de sua empreitada e reuniu um grande grupo de anarquistas italianos para virem ao Brasil, na primeira caravana aos Campos Gerais, reunindo músicos, médicos, professores, jornalistas, camponeses e artesãos. (BANCO DO ESTADO DO PARANÁ, 1989).

As terras oferecidas por Dom Pedro II à experiência de Rossi, não eram planas, apresentavam declives em planaltos, difícil acesso às principais estradas, sem demarcações, e matas fechadas. A comunicação social com as demais populações estaria dificultada, e as partes mais agradáveis da terra já estavam ocupadas por latifundiários que negaram seu acesso aos imigrantes. Mesmo assim Rossi não se preocupou, e os imigrantes começaram a tarefa de construir habitações individuais e coletivas, bem como um barracão onde aconteceria as assembleias que definiriam a gestão da Colônia (BANCO DO ESTADO DO PARANÁ, 1989). Cecília foi o nome escolhido para o experimento, pois advinha de um romance escrito por Rossi.

A divulgação do trabalho de Rossi e dos Imigrantes foi feita através de cartas aos companheiros anarquistas europeus, notas públicas em jornais socialistas parisienses e italianos, com informações e detalhes do que acontecia na Colônia, resultando em maiores repercussões estrangeiras do que no próprio país. A educação das crianças também foi um canal de propagação das coordenadas sociais da colônia, como a pregação e o ensinamento da liberdade e a troca com a natureza.

Porém, o que antes parecia uma doação do governo, no primeiro ano de Colônia, as terras doadas passaram a ser dívida de 850 contos cobrados pelas autoridades, configurando um dos obstáculos para o avanço do experimento. Porém, a produtividade das primeiras colheitas dos imigrantes vinha crescendo. Com a segunda leva de imigrantes italianos em 1891, a esperança de avanço era crescente. O ano de 1892 trouxe bons frutos produtivos para a comunidade, e a área plantada

atingiu 100 dos 300 alqueires da terra fornecida (BANCO DO ESTADO DO PARANÁ, 1989).

Com a segunda caravana de imigrantes na colônia, o número de membros se situava em torno de 200 habitantes. Porém segundo, Rossi essa quantidade não correspondia ao bem estar esperado "Esse afluxo repentino foi desastroso. Muitos desses colonos não estavam habituados à rude vida dos pioneiros; eram na maior parte operários da indústria que, naturalmente, não encontraram na colônia os instrumentos e as matérias primas necessárias para trabalhar com proveito; alguns não eram nem mesmo habituados a ter uma atividade média." (ROSSI, 1893).

Com o crescimento da população a alimentação para os habitantes torna-se insuficiente. Embora houvesse um crescimento na extensão das hortas, criação de animais em cercado, produção de tijolos, o alimento não abrangia toda a população, que muitas vezes com fome, trabalhavam por acreditar no ideal. (FELICI, 1998). Distante da prática, esse ideal estava em vias de ameaça quando iniciara os desentendimentos entre os primeiros imigrantes e os novos colonos da segunda caravana, devido às desigualdades de métodos de trabalho e alimentação entre as famílias instaladas. Enquanto uns tinham o que comer, outras jejuavam. Segundo Rossi, "A ditadura e o parlamentarismo substituem os princípios anarquistas, os colonos estabelecem um "sistema grotesco de referendium" e perdem seu tempo e suas energias em assembleias inúteis, onde não saem mais do que promessas não cumpridas, ambições mal dissimuladas e falatórios ridículos". (ROSSI, 1893).

A estrutura antes planificada, elegeu um chefe administrador, estabelecendo uma configuração hierárquica para a Colônia. A crise se agrava no final de 1891, quando sete das famílias colonizadoras se apoderam dos animais da colônia, enquanto outras famílias se dispersam para Curitiba. Segundo o próprio Rossi em sua carta à família em 1891, a grande crise da Colônia não advinha da miséria e das dívidas, e sim pelas leis impostas por algumas famílias e idolatradas pelo restante.

Após essa primeira crise, e a deserção de algumas famílias da colônia, a Cecília tenta sobreviver mais uma vez quando Rossi retorna da Itália para a Comunidade. Reconstruída sob novas bases "por uma reação natural ao formalismo estéril e funesto do período passado, o grupo quis ser absolutamente inorganizado. Nenhum pacto, nem verbal, nem escrito, foi ali estabelecido. Nenhum regulamento, nenhum horário, nenhum cargo social, nenhuma delegação de poder, nenhuma regra fixa de vida ou de trabalho. (ROSSI, 1893). Tal período de pacificação e estabilidade

durou apenas quatro meses. A produção crescia, com colonos recém chegados da região de Parma, junto a abertura de terras que antes eram inapropriadas para o cultivo de vinhas.

No entanto os conflitos internos dos camponeses continuavam a crescer. A condição de vida dos trabalhadores da colônia era miserável, sem retornos visíveis, e não havia abundância significativa para eles. Mesmo com uma parte da equipe de camponeses trabalhando nas estradas do governo, externamente, para o pagamento de dívidas, as necessidades não foram totalmente atendidas. Durante a tentativa de repovoamento da comunidade, a Cecília abrigava também forasteiros da região. Foi durante a Revolução Federalista, que apesar nos imigrantes tentarem se manter à margem dos acontecimentos, a colônia acolheu um dos líderes da oposição do Governo do Paraná (BANCO DO ESTADO DO PARANÁ, 1989). O Estado então passa a ver a Colônia Cecília também como uma ameaça e os atacaram com represália.

“O moinho do fubá foi inutilizado, o milho atirado no rio, todos os animais requisitados, instrumentos de trabalho e mudas destruídos. (...) A Revolução Federalista retira da Colônia seus trabalhadores e apressa sua desagregação. E quando o conflito acaba, os que voltaram encontraram tudo mudado. Os sinais de decadência eram visíveis em todos os cantos e poucos se candidataram a ficar. Ficaram somente os que estavam ligados aos trabalhos agrícolas e mesmo assim bem poucos. E com o tempo, as roças, os pomares, os vinhedos, a palmeira onde hastearam a bandeira vermelho e preto ‘Casa do Povo’, as moradias, o cemitério dos renegados, transformaram-se em fantasmas da utopia de uma sociedade sem classes” (BANCO DO ESTADO DO PARANÁ, 1989).

4.2 COMPREENSÃO DO CASO

Entende-se que a causa do fracasso do experimento da comunidade de Cecília no Paraná, não foi a miséria ou as dívidas impostas pelo governo, mas a formatação hierárquica adquirida ao longo da experiência que iria contra os princípios primordialmente pensados por Giovanni Rossi, bem como a desconfiança dos colonos diante da formação de uma liderança.

A Colônia Cecília, apesar de conter características dos esboços socialistas utópicos, e seu fundador ser considerado um utopista, é um experimento característico anarquista no Brasil. Os ensaios de Giovanni Rossi, pré experimento

em Cecília, “Un Comune Socialista”, criticavam a burguesia vigente, bem como o formato de gerenciamento do Estado, e propunha forma alternativa de sociedade organizada em comunidades socialistas experimentais, por isso Rossi era considerado um socialista utópico. “O “mito” da Colônia Cecília permaneceu vivo durante mais de século, desde a dissolução da comuna em 1894, “mantendo-se, assim, ativa a sua função utópica”. A utopia, pensada como a fronteira entre o possível e o impossível, é ainda “veículo da expressão do imaginário, um espaço possível do desejo”, segundo a historiadora da legendária colônia, Helena Isabel Mueller” (CARVALHO, 2010).

No caso estudado, Cecília foi resultado de um experimento que saiu do imaginário de Rossi, por uma sociedade ideal, sem lutas de classes, sem hierarquia, sem propriedade privada. O mentor da colônia pensou e agiu como um socialista utópico, no sentido de ignorar que o instinto de seus colonos era classista, ou pelo menos não eram bem esclarecidos quanto à ausência de hierarquia. Embora houvesse divisão de trabalho dentro da comunidade, através das aptidões dos imigrantes, o retorno miserável não era suficiente para a sustentação de uma base produtiva forte. Diferentemente dos socialistas científicos que entendiam a luta de classes e a propriedade privada como um fator existente na sociedade, e articulavam sob as leis do mercado capitalista para planificar os benefícios entre as disparidades sociais, a Colônia Cecília foi um caso de liberdade imaginária, que se colocou contra o contexto histórico.

“Para Nico Berti, a diferença entre anarquismo e comunismo e entre anarquismo e liberalismo é que somente no anarquismo a liberdade constitui o princípio de toda sua teoria, enquanto para o comunismo e para o liberalismo se apresenta a liberdade como o efeito de uma causa histórica. O anarquismo coloca a liberdade como um fim em si, como o princípio de toda conduta humana. Comunismo e liberalismo depositam a liberdade dentro da história, como um efeito; o anarquismo, ao invés, põe-na contra a história, a contrapelo, como uma objeção, como causa da modernização” (CARVALHO, 2010).

5. CONCLUSÃO

Após a Revolução Francesa, diversos pensadores se debruçaram a discutir de forma enfática os problemas sociais que assombram a sociedade. O novo modelo de estrutura que se estabelecia a sociedade pós revolução, conhecida como Estado da Razão, só favorecia à burguesia. No entanto, promessas feitas ao proletariado não foram cumpridas, gerando cada vez mais desigualdades sociais e incitando a fúria da classe menos favorecida. Contudo nesse contexto surge a corrente de pensamento socialista utópica que teve como principais pensadores Robert Owen, Saint Simon e Charles Fourier. O que esse autores tinham em comum em suas teorias, era o diagnóstico que o capitalismo trazia junto a revolução industrial da desigualdade econômica e social que a classe proletária vivia. Reconhecem também a propriedade privada como uma contrariedade estabelecida, porém não defendem a abolição dessa e sim seu rearranjo, acreditando que o homem deve primeiro mudar seu comportamento perante a sociedade, o que para Marx e Engels eram denominados socialistas utópicos, pois partem do pressuposto de ideias morais e cooperativistas não reconhecendo as leis de ação do capitalismo.

Nesse sentido Marx e Engels contrapõem os socialistas utópicos através do estudo da dialética e apresentam uma revisão histórica buscando explicações e fundamentos que se estabelecem a luta de classes. A partir de uma revisão dos problemas históricos entre a burguesia e proletariado estabelecem soluções de superação do ciclo que o capitalismo exerce. A crítica que Marx e Engels fazem sobre o socialismo utópico é o não reconhecimento da propriedade privada como um dos principais causadores da luta entre classes. A detenção do modo de produção pela burguesia submetia o proletariado ao controle de sua força de trabalho e sua exploração, de modo que o que determina a quebra da desigualdade é a mudança das relações de trabalho que exige uma revolução coletiva da consciência da classe trabalhadora.

Charles Fourier socialista utópico apresentou o conceito de Falanstério, uma forma de organização da sociedade através do cooperativismo. Os Falanstérios se tratavam de uma composição arquitetônica estabelecida por falanges, que seriam espaços divididos e organizados para o funcionamento auto-sustentável da comunidade. Quando o socialista utópico, Fourier não se preocupa com a igualdade, estabelece uma divisão de classe dentro do seu modelo, sua preocupação é harmonia os elos sociais de ambição fortificados em prol da comunidade ele vislumbra que através da essência humana é possível estabelecer uma nova etapa da sociedade.

Em 1844 nos Estados Unidos, Albert Brisbane seguidor de Fourier foi o incentivador a colocar em prática suas ideias de Falanstério, de início teve bastantes adeptos e chamou a atenção de pensadores, burgueses e trabalhadores que viam as ideias como uma nova forma de viver no período da Revolução Industrial. No entanto, essas comunidades acabaram por se dissolver justamente por não considerarem que o problema da luta de classe se estabelece na propriedade privada.

A comunidade experimental socialista no estado do Paraná, denominada Colônia Cecília, foi resultado prático das teorias do italiano Giovanni Rossi, que fortemente influenciado pelas teorias Charles Fourier e demais pensadores socialistas utópicos, pretendia provar que uma sociedade baseada na liberdade seria efetiva. A comunidade era formada por uma base produtiva agrícola, e abrigava imigrantes de diversas regiões da Itália, os quais exerciam as atividades na colônia segundo suas aptidões. Entretanto, o que no princípio parecia ser um consenso comum, no que tangia às idéias anarquistas de liberdade, e aos pensamentos utópicos do mentor de Cecília mesmo diante de um governo capitalista no Brasil, após dois anos de comunidade, a crise ideológica se instalou entre seus membros. Poucos membros permaneceram em Cecília com a confiança que tinham quando chegaram, e pouquíssimos resistiram à miséria até 1894. A colônia durou quatro anos, e falhou pelo choque de uma liberdade imaginária cercada por um país majoritariamente capitalista.

Portanto, a teoria dos socialistas utópicos não avançaram conforme Engels e Marx haviam criticado, os autores não discutiram a problema da propriedade

privada, não desenvolveram historicamente a luta de classes e deixaram lacunas acreditando que pela boa vontade e cooperativismo natural do ser humano seria possível mudar as relações econômicas e sociais. O fato de acreditarem que através de experiências práticas seria possível a mudança não se sustentou por muito tempo, o preconceito dos poloneses que viviam na região de formação católica causou alguns conflitos ideológicos na colônia cecília, outro problema foi a miséria que estabeleceu com o aumento da população na colônia causando disputas internas entre os colonos , o governo também não viu com bons olhos a recepção dos federalistas. Dessa forma a tentativa remediar o capitalismo, acabou por não aprofundar os problemas reais que assolavam a comunidade.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANCO DO ESTADO DO PARANÁ. **Banestado 61 anos Fazendo a História do Paraná: Colônia Cecília Bandeira “rosso nera” nos Campos Gerais.** Curitiba: Banestado, 1989. Disponível em: <http://www.museuparanaense.pr.gov.br/arquivos/File/Banestado61anos/ColoniaCeciliaBandeirarossooneranosCamposGerais.pdf> Acesso: 25/10/2018.

BARROS, J. (2011). **Os falanstérios e a crítica da sociedade industrial:revisitando charles fourier.** Londrina: Universidade Estadual de Londrina,vol.16,n.1.

CARVALHO, R.(2010). **A colônia anarquista cecília entre a história e a literatura.** Universidade Federal do Paraná.

DUBLIN, T. (1981), **Farm to factory : women's letters, 1830-1860.**New York : Columbia Univ. Press, 2. ed.

ENGELS, F . (1880). **Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico.** Marxistis Internet. Archive. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1880/socialismo/>

FELICI, I .(1998) . **A verdadeira história da colônia cecília de giovanni rossi.**Cad. AEL, n. 8/9.

FOURIER, C.(2006) . **El falansterio.** Cibernética,2. ed. Disponível em: http://classiques.uqac.ca/classiques/fourier_charles/nouveau_monde/fourier_nouveau_monde_1.pdf . Acesso: 18/10/2018.

GONÇALVES, A. (2004). **As comunidades utópicas e os primórdios do socialismo no Brasil**. Universidade Federal do Ceará, n. 2

HUGON, P (1992). **História das doutrinas econômicas**. São Paulo: Atlas, 14. ed.

KONDER, L. (1998). **Fourier, o socialismo do prazer**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

LEHOUCK, E. (1973). **Fourier o la armonia y el caos**. Barcelona: Labor.

LAPCHINÁ, G.(2016). **Charles Fourier (1772-1837)**. Disponível em: <http://www.pelosocialismo.net> . Acesso: 30/10/2018.

MARX, K & ENGELS, F.(1961). **Obras escolhidas**. São Paulo: Alfa Ômega, vol 1.

MENEGUELLO,C. (2011). **A cidade industrial e seu reverso: as comunidades utópicas da Inglaterra vitoriana**. Editora da UFPR, vol 35.

MUELLER, H, .(1998). **Flores aos rebeldes que falharam. Giovanni Rossi e a utopia anarquista: colônia Cecília**. Universidade de São Paulo.

MLADENATZ, G. (2003). **História das doutrinas cooperativistas**.Brasília: Confebrás.

PENDREY, R. & PRECUEL, W.(2006). **Robert. Envisioning Utopia: Transcendentalist and Fourierist Landscapes at Brook Farm, West Roxbury, Massachusetts**. Historical Archaeology ,Vol. 40, No. 1.

QUEIROZ,M (1990). **Fourier e o Brasil**. Revista História, São Paulo, n.122.

SARGANT, W. L.(1858). **Social innovators and their schemes**.London: Smith, Elder and Co.

ROCHA ET AL. (2013). **Da utopia fourierista aos princípios de economia solidária: interfaces entre o passado e o presente** .Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal, Vol 2.

The Editors of Encyclopaedia Britannica. **Fourierism**. Encyclopædia Britannica, inc. Julho 20, 1998. Disponível em : <https://www.britannica.com/topic/Fourierism> Acesso: 22/10/2018.

ZWICK, E. (2016). **Os utópicos como pioneiros da concepção cooperativista.** Revista do Espaço Acadêmico, n. 186.